

SE O “E” SE PERDE

Vania Baeta
UFMG

Se o “e” está em “questão”, ocorre-me pensá-lo em seu quê:

- Como conjunção, o “e” tem o dom morfológico e/ou sintático de ligar duas palavras e/ou orações, que se encontram em estado de coordenação, e não de subordinação. Neste caso, ora operando como aditiva, ora como adversativa (Ex: *la sair, e choveu*. Ou: *Tão formosa, e gaga!*), ora como as duas ao mesmo tempo – ou seja, mantendo uma tensão entre conjunção e disjunção –, o “e” nos permite conceber uma **articulação** (dobradiça), que coordena (no sentido de encadear ou enlaçar) a ordem literária e a ordem psicanalítica, sem subordinar uma à outra. Mas que se alimentam e crescem em sua especificidade e diferença. Diria, com Llansol: “**Dobra tua língua, articula. Dobra a tua língua, articula**”. Pois cada uma, e a seu modo, acabam por “forçar” a língua. Eis o dom que descubro no “e”: a capacidade de articular, em co-ordenação, **diferenças**: pensamento e práxis que acabam por “forçar” a língua. **A diferença**, nos diz Augusto Joaquim em prefácio a *Bilhetinhos com poemas*, de Emily Dickinson, “não é desigualdade, nem igualdade; não é opressão, nem liberdade. A diferença é a qualidade radical de viver para a vida e para a afirmação-não-comparativa do imenso e variado viver. Isso a que toda a literatura chamará, depois, **Amor**”. E o que é **práxis**? – pergunta e responde Lacan, no *Seminário 11*: “É o termo mais amplo para designar uma ação realizada pelo homem, qualquer que ela seja, que o põe em condição de tratar o real pelo simbólico”. (p.14)
- Como letra, o “e” seria uma letra (carta) de **Amor**: aquela que viria ocupar, sem completar, o espaço da relação que não há. E possibilitar, através do próprio vazio que escava, a criação inesperada de um saber. Um encontro inesperado do diverso, diria Llansol. “Se essas **diferenças** conseguirem vogar juntas, enquanto a rota para tal der e convier, ter-se-á a viagem sobre o afecto, sobre o perigo e sobre a **morte**; ter-se-á, noutra grafia, a Beleza” (Augusto Joaquim). E, em busca de outra grafia, experimentamos inverter essa letra. Eis que agora temos um número: o 3. Pois se o “E” é uma letra de amor, com Llansol e com o 3, podemos pensar do “amor ímpar”. Esse que se abre para o fora e, portanto, se extasia. Talvez, a essa Literatura E a essa Psicanálise – aventureiras de uma tal reversão, reversão que as lança para fora de si mesmas – interesse, sim, tratar o real da experiência, ou a experiência do real, onde Amor e Morte (AMORTE) habitam.

Se o “e” está em “questão”, ocorreu-me pensá-lo em seu quê: primeiro, como conjunção/disjunção; depois, como letra de amor e morte. Vê-se que, se o “e” se perde, temos, pela força da forma, AMORTE.

